

## CARTOGRAFIA HISTÓRICA: A CIDADE DO RIO GRANDE – RS

Maria Cristina Chaves Pires<sup>1</sup>

Ítalo Seilhe<sup>2</sup>

Éder L. B. Maier<sup>3</sup>

### RESUMO

Os mapas históricos preservam informações geográficas sobre a ocupação humana, a expansão urbana e as transformações ambientais ao longo da história. Nesta perspectiva, efetuou-se a coleta, catalogação, descrição e interpretação de mapas da área urbana da cidade do Rio Grande, entre 1737 até o 2017, a fim de investigar a sua expansão sobre o pontal arenoso, com ênfase nas transformações ambientais. A gênese da cidade foi sua localização, e teve como funções as atividades portuária/militar, comercial e industrial. Os registros cartográficos mostram que a expansão urbana ocorreu primeiro nas áreas de menor resistência e mais salubres, estendendo-se de leste para oeste, entre as dunas e as marismas no período de implantação do povoamento. Já a partir do século XIX com a intensificação das atividades portuárias houve um crescimento urbano acentuado que propiciou profundas transformações no sítio do pontal, com a supressão de áreas de marismas, campos de dunas e lagoas. O assentamento urbano da Cidade do Rio Grande foi marcado pelas adversidades do terreno que limitavam seu crescimento, a partir da necessidade de urbanização as condições naturais do pontal foram transformadas, fazendo com que o sítio urbano crescesse para dentro da Lagoa dos Patos e do Saco da Mangueira.

**Palavras-chave:** mapa; registro histórico; expansão urbana.

## CARTOGRAFÍA HISTÓRICA: LA CIUDAD DE RIO GRANDE –RS

### RESUMEN

Los mapas históricos preservan informaciones geográficas sobre la ocupación humana, la expansión urbana y las transformaciones ambientales a lo largo de la historia. En esta perspectiva, se efectuó la colecta, catalogación, descripción e interpretación de mapas del área urbana de la ciudad de Rio Grande, desde 1737 hasta 2017, a fin de investigar su expansión sobre el puntal arenoso, con énfasis en las transformaciones ambientales. El origen de la ciudad fue su

---

<sup>1</sup> Geógrafa. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Avenida Santos Dumont, 513A Bloco F1, apto 102. Bairro Junção, Rio Grande (RS) CEP 96202-090. Email: mcristina.pires@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduando do curso de Geografia Bacharelado na FURG. Email: italoseihes@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Geografia. Professor de Geografia do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da FURG. Email: edermaier@gmail.com

localización, y tuvo como función las actividades, portuaria/militar, comercial e industrial. Los registros cartográficos muestran que la expansión urbana ocurrió primero en las áreas de menor resistencia y más salubres, se extendió de este a oeste, entre las dunas y las marismas en el periodo de implementación de la población. Ya a partir del siglo XIX con la intensificación de las actividades productivas, hubo un crecimiento urbano acentuado que propicio profundas transformaciones en el sitio del puntal, con supresión de las áreas marismas, campo de dunas y lagos. El asentamiento urbano de la ciudad de Rio Grande fue marcado por las adversidades del terreno que limitan su crecimiento, a partir de la necesidad de urbanización las condiciones naturales del puntal fueron transformadas, haciendo con que el sitio urbano creciera para dentro de la Lagoa dos Patos y del Saco da Mangueira.

**Palabras-Claves:** mapa; registro histórico; expansión Urbana.

## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo do trabalho é a coleta, catalogação, descrição e interpretação de mapas da cidade do Rio Grande - RS, para o período entre 1737 até o 2017, a fim de explorar os registros da cartografia histórica, da expansão e das transformações ambientais na atual área urbana. Pode-se afirmar que o mapa é uma das modalidades de comunicação mais antigas da humanidade, desde a pré-história todos os povos já a utilizavam. Mesmo antes de usar a escrita (alfanumérica) os povos primitivos já traçaram croquis, há provas da existência de mapas babilônios, egípcios, chineses e etc. O primeiro mapa que se tem conhecimento é de origem babilônia e os estudos sobre sua data de criação variam entre 3800 a.C. e 2.200 a.C., trata-se de um tablete de argila cozida com a representação de duas cadeias de montanhas e no centro delas um rio, provavelmente o Eufrates. (OLIVEIRA, 1993, p.17).

A primeira representação cartográfica do Brasil, segundo acervo da Biblioteca Nacional, aparece na cartografia espanhola no Planisfério de Juan da La Cosa em 1500. Já em documentos cartográficos portugueses o Brasil aparece em 1502 no denominado Planisfério de Cantino. A região Sul do Brasil aparece nos mapas de 1680, com a fundação da Colônia de Sacramento, as margens do Rio da Prata, aumentando a expansão do domínio para o sul do

país. Em consequência da expansão colonial iniciou-se o povoamento do Rio Grande do Sul de imigrantes europeus, com a imigração lagunense e açoriana e acontece a fundação em 1737 do Presídio e Comandância Militar Jesus-Maria-José.

A fundação do Presídio nasce dentro de uma conjuntura de guerra, é dentro deste contexto geopolítico platino que começou a ocupação do espaço do atual estado do Rio Grande do Sul, com o objetivo de integração com Portugal através da ocupação militar e do povoamento civil (TORRES, 2015, p.18).

A natureza inóspita da região trouxe inúmeras dificuldades para o desenvolvimento da vila, cuja paisagem era dominada por dunas, lençóis de areia, sequencia lagunares e banhados, vegetação pobre e ventos fortes. A vila que nasceu com papel militar e geopolítico, decorrente de sua situação geográfica, viu seu desenvolvimento acontecer através da posição comercial do porto por onde escoava a produção da Capitania.

Ao longo dos anos além da função portuária cidade assumiu funções comerciais e industriais, que trouxeram profundas transformações ao meio urbano (MARTINS, 2016, p.185). O pontal precisou ser adequado a necessidade de urbanização exigida pelo desenvolvimento, a partir dessa premissa foram executadas diversas alterações no meio físico, através de aterros, nivelamentos, drenagem canalizada e superficial (impermeabilização do solo).

Nesse contexto, a cartografia registrou cada ciclo temporal de expansão urbana e documentou as transformações ambientais, o planejamento urbano, as ocupações regulares e irregulares, conseqüentemente, a cartografia histórica torna-se uma valiosa fonte de informações para a compreensão dos processos de ocupação de áreas vulneráveis, que oferecem risco ambiental ou que são aptas para as atividades urbanas.

Segundo Ferreira e Robaina(2010, p.13) o espaço urbano vem crescendo para dentro dos corpos hídricos por meio de aterros sobre áreas inundadas nas margens da Lagoa dos Patos e do Saco da Mangueira. Neste cenário foi analisada a estruturação do sítio urbano do pontal através do tempo, a fim de identificar as principais mudanças ambientais ocorridas.

## **2. METODOLOGIA**

A metodologia visou integrar diferentes fontes de informações geográficas para mapear a expansão urbana e as mudanças ambientais da cidade do Rio Grande. Nesse contexto, os mapas históricos, desde os mais rudimentares da época da colonização até os modernos mapas digitais da atualidade, são as principais fontes de informações.

A metodologia usada propiciou operacionalizar a coleta, catalogação, descrição e interpretação dos mapas históricos da Cidade do Rio Grande, do ano de 1737 até o presente, disponibilizados em arquivos digitais ou impressos pela Biblioteca Rio-Grandense, Acervo de Fortunato Pimentel e Prefeitura Municipal do Rio Grande. Para representação cartográfica contemporânea utilizamos imagem de satélite do Google Earth Pro, datada de oito de junho de 2017.

Os limites da área de estudo (área urbana do município do Rio Grande) são definidos pelo Porto Velho e o Porto Novo, Bairro Parque Residencial São Pedro, Saco da Mangueira e canal do Rio Grande.

As análises são baseadas na interpretação dos parâmetros morfométricos, texturas e formas contidas nos documentos cartográficos, buscando identificar as estruturas ambientais naturais e suas transformações. As mudanças na fisiografia do pontal a partir da supressão das áreas de dunas, lagoas, arroios, marismas e pântanos devido aos aterros e as consequentes ocupações regulares e irregulares, em função do crescimento demográfico propiciado pelas funções da área urbana do Rio Grande.

A vetorização das feições naturais e antrópicas gerou polígonos, onde as delimitações foram criadas de acordo com a análise visual dos documentos cartográficos, cada polígono representa a área urbana construída ou a natureza subtraída. As análises foram efetuadas em ordem cronológica, investigando as principais expansões espaciais da Cidade do Rio Grande, buscando identificar as condições iniciais do sistema ambiental e suas transformações. Os polígonos foram datados de acordo com o primeiro ou último registro cartográfico da feição para identificar sua criação ou extinção.

Por final foram elaborados dois mapas temáticos (Figura 1 e 2), um com os sistemas ambientais do Rio Grande no início da colonização europeia e outro com a expansão urbana e as datas de ocupação.

### 3. DADOS

Os mapas analisados foram: “Dessenho por idea do Silva Paes” (1737), Plano da Villa do Rio Grande do Custodio de Sá e Faria (1767), Planta da Villa do Rio Grande da Câmara Municipal (1829), Planta Geral da Cidade do Rio Grande - PGCRG (1904), PGCRG (1926), PGCRG (1942) e imagem do Google Earth Pro (2017)). Os documentos foram organizados como demonstrado na Tabela 1, identificados pela data (adotada como nome do arquivo digital), informação da fonte e principais feições naturais e antrópicas.

Tabela 1. Relação de mapas históricos.

<b>Ano</b>	<b>Fonte</b>	<b>Principais Feições</b>
<b>1737</b>	Biblioteca Rio-Grandense	Forte
<b>1767</b>	Biblioteca Rio-Grandense	Vila
<b>1829</b>	Biblioteca Rio-Grandense	Arruamento
<b>1904</b>	Biblioteca Rio-Grandense	Centro/Bairro/Cidade Nova
<b>1926</b>	Biblioteca Rio-Grandense	Porto Novo

<b>1942</b>	Acervo Fortunato Pimentel	Vilas Junção/ São Miguel
<b>1970</b>	Biblioteca Rio-Grandense	Zona Sudoeste
<b>2017</b>	Google Earth Pro	Núcleo urbano

#### 4.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao observar os documentos cartográficos foram percebidas feições naturais e antrópicas que permaneceram ao longo do tempo e são marcos (no espaço e tempo) de outras funções/uso da cidade. Essas feições estão diretamente ligadas a ocupação do espaço e permanecem ao longo do tempo, por isso são chamadas de feições permanentes.As feições também foram ordenadas em sequência temporal, identificadas pelo nome e localização, conforme Tabela 2.

Tabela 2. Relação de feições permanentes naturais e antrópicas

<b>Ano</b>	<b>Nome</b>	<b>Localização</b>
<b>1755</b>	Catedral de São Pedro	Largo Dr. Pio
<b>1820</b>	Geribanda	Praça Tamandaré
<b>1827</b>	Alfandega do Rio Grande	Rua Riachuelo
<b>1829</b>	Arruamentos	Marechal Floriano/Gen. Bacelar e Riachuelo
<b>1855</b>	Cemitério extramuros	Rua 02 de novembro
<b>1870</b>	Hidráulica	Vila Hidráulica

As análises exploraram as mudanças ambientais ocorridas no pontal devido à expansão urbana nas orlas da Lagoa dos Patos e do Saco da Mangueira em áreas originalmente ocupadas por banhados, marismas ou canais.

## 5. RESULTADOS

Os mapas históricos do século XVIII mostram que o pontal do Rio Grande apresentava um sistema ambiental formado por dunas, lagoas, arroios, marismas e pântanos. A chegada dos portugueses em 1737 foi o marco inicial do urbanismo lusitano no Rio Grande do Sul, o povoamento da área foi uma tarefa difícil, em virtude do terreno inóspito formado por dois compartimentos com pequena diferença altimétrica: a planície inundável e a planície arenosa.

O primeiro mapa de autoria de José da Silva Paes (1737) é o “Dessenho por idea da Barra e Porto do Rio Grande de São Pedro”. O mapa revela a localização do porto, o desenho da fortificação no estreito, localização da guarda, ancoradouros das embarcações no lado Norte, pântanos que cercam a região, o terreno que chamam Mangueira, e a Ilha dos Marinheiros. As formas desenhadas no entorno do pontal presumem a existência de árvores ou arbustos maiores.

As primeiras habitações e caminhos foram construídos em áreas de menor resistência aos deslocamentos para os fortes, a utilização de cavalos e bois degradaram a paisagem vegetal primitiva que permitia a fixação da areia eólica, tornando-se um problema para o povoamento devido a intensidade de movimentação das dunas, promovida pelos ventos fortes predominantes na região.

O segundo documento é do período espanhol, a planta de Custódio de Sá e Faria (1767), “Projecto do ataque a cidade do Rio Grande”, revela um casario onde sobressai a Igreja de São Pedro, a Cadeia, a Casa do

Governador, o Pelourinho, uma rua que se iniciava nas proximidades dos pântanos do Leste e corria para oeste. A vila era cercada de pântanos e dunas. No sentido Norte-Sul haviam algumas passagens entre as casas, estes “becos” foram precursores das estreitas ruas que existem atualmente no centro da cidade. O documento é um plano de ataque dos portugueses, neste período a Vila estava sob domínio espanhol, por este motivo há um detalhamento da localização das baterias, corpo da guarda, armazém de pólvora e por onde as esquadras deveriam navegar.

No século XIX a cidade transformou-se em reflexo do período de pujança comercial, sendo registrado no mapa de 1829, com o título de Planta da Villa de Rio Grande de S. Pedro do Sul, tirada por ordem da Câmara Municipal e adaptada de uma planta levantada por Manoel Gonçalves dos Santos. Demonstra a expansão urbana com aterro de marismas e suas delimitações. Através de convenções são demarcadas as áreas construídas e devolutas de cada quarteirão. Informa o limite do terreno com a frase “Linha dos cômoros que limita o terreno arenoso incapaz de se povoar presentemente” em uma faixa que se inicia ao sul, nas proximidades dos cruzamentos entre as ruas atualmente denominadas de General Vitorino e General Neto; e se dirige para Nordeste até encontrar a rua Duque de Caxias. No Oeste quase alcança a frente da matriz e ao Norte até a rua General Bacelar seguindo até as proximidades da Visconde de Paranaguá.

As ruas registradas neste documento eram limitadas pelos areais ou pelos pântanos que circundavam o sítio de expansão, ao Norte surge a atual rua Riachuelo, pavimentada com aterro procedente da destruição do forte da vila, a área de macega a nordeste também foi aterrada. As construções urbanas são registradas de uma forma mais compactada desde a rua Riachuelo até Conde de Porto Alegre para o Sul, e entre a rua Zalony e Andrades Neves para leste. Aparecem demarcadas as Praças do Poço, de São Pedro e da Alfandega.

Já no início do século XX, observa-se o desenvolvimento do Bairro Cidade Nova e a Cidade em projeto entre as áreas da Companhia Hidráulica

Rio Grandense e a margem da Lagoa dos Patos, e também a leste sobre uma área alagadiça até a linha de ferro. Com permanência das áreas de marismas a leste e norte da cidade.

Na Planta Geral de Cidade do Rio Grande do Sul de 1904, levantada pelos Engenheiros Antonio C. Chermont e Pedro D. Rache e autorizada pelo Vice Intendente Municipal Capitão Carlos A.F. De Assumpção, é registrada a expansão da cidade para além das trincheiras<sup>4</sup>, com a instalação do Novo Cemitério, do loteamento Cidade Nova em função da instalação da Fábrica de Tecidos Rheingantz e do prédio da Estação Central do Rio Grande que inaugurou a Estrada de Ferro Rio Grande-Bagé, importante obra de integração econômica com a Campanha Gaúcha. Nessa carta está registrado o caminho da estrada de ferro paralelo a Estrada dos Carreiros, principal acesso terrestre à cidade, bem como uma linha de limite urbano.

As primeiras décadas do século XX trouxeram grandes alterações a fisiografia local devido aos projetos de melhoramentos da Barra e a construção do Porto Novo, resultando em grandes áreas aterradas ao leste do centro histórico com material proveniente do aprofundamento do canal de navegação e a formação de uma ilha artificial, a Ilha do Terraplano, no extremo oriental do sítio urbano.

Na Planta Geral da Cidade do Rio Grande, de 1926, constata-se a expansão urbana a leste do centro histórico com a construção do Porto Novo, nessa carta pode-se ainda observar próximo ao porto um bairro radial planejado pela Compagnie Française, o projeto não foi levado adiante devido a encampação da área pelo Governo do Rio Grande do Sul.

Na Planta Geral da Cidade do Rio Grande de 1942, levantada pela Diretoria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal se observa o crescimento da zona oeste com a criação da Vilas Junção e São Miguel, impulsionadas pelas atividades do Novo Porto e do Frigorífico Swift. Está registrado nessa planta a Cia. de Petróleo Ipiranga, fundada em 1937 marcando uma tendência

---

<sup>4</sup>Linha de fortificação militar construída em 1820 e demolida em 1880, separa a Cidade Antiga da Cidade Extra-muros (Cidade Nova), se localizava próximo ao atual Canaleta da Rua Major Carlos Pinto.

de localização das indústrias próximas ao Porto Novo, ao sul do centro histórico. Foi lançado neste documento cartográfico um projeto de aterro ao norte que acabou não sendo executado.

Publicada em 1970 a Planta da Cidade do Rio Grande levantada por José M. L. Souza e Antônio C. S. Pereira demonstra o crescimento da área urbana para oeste com o surgimento da Vila São João, Vila Recreio e Bosque, a sudoeste temos o início da urbanização do Bairro Marluz e da Vila Bernardete.

A Planta Geral da Cidade do Rio Grande, datada de 2012, levantada pela Prefeitura Municipal mostra a configuração atual do perímetro urbano da cidade, consolidando o crescimento para a zona oeste, com destaque para o campus carreiros da FURG e os bairros Parque Marinha e Parque São Pedro.

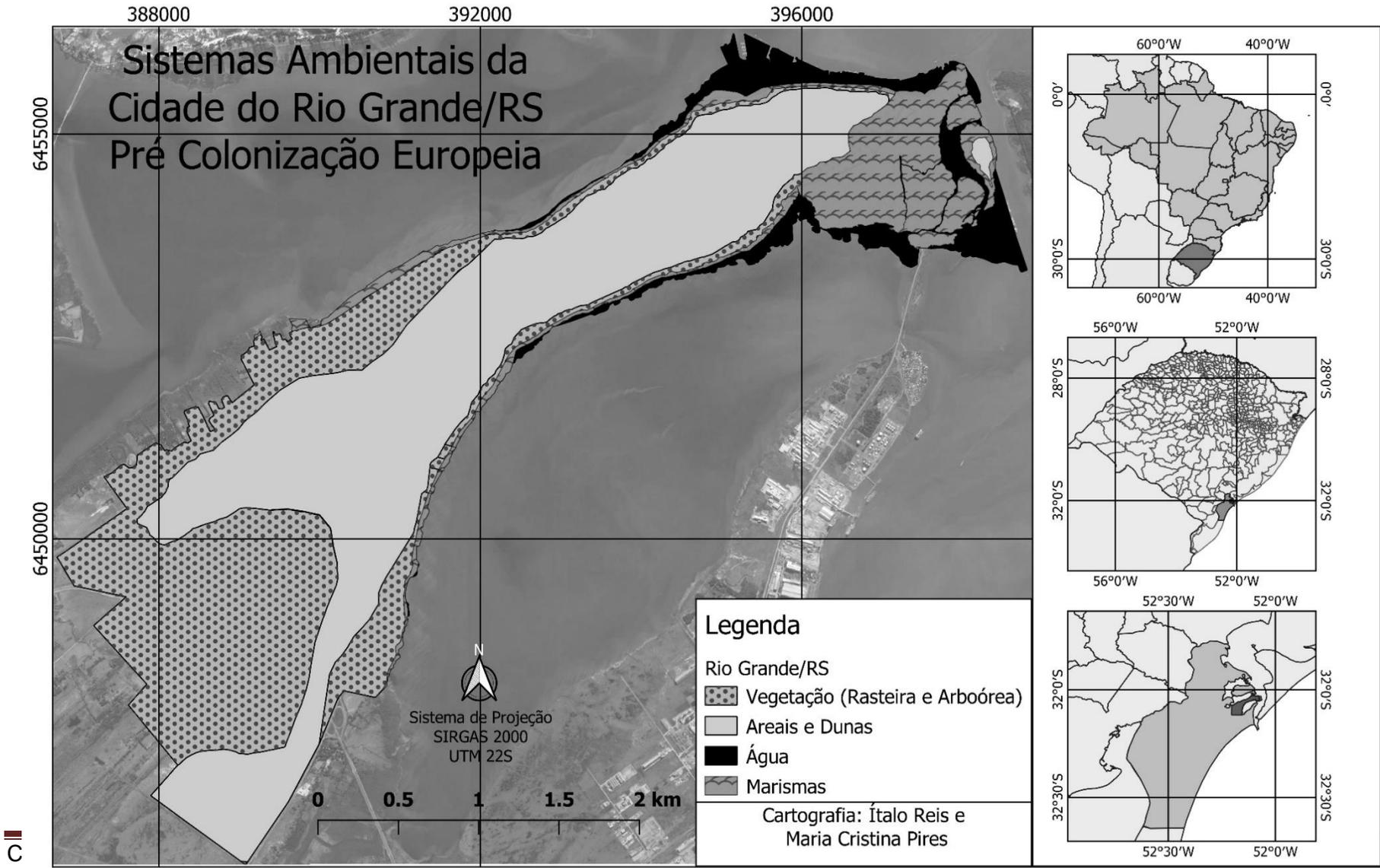
Os mapas referentes a segunda metade do século XX e a primeira década do século XXI evidenciam as transformações do espaço urbano diante das diversas funções assumidas pela cidade, desde sua vocação portuária, passando por função comercial, industrial e na última década a de Polo Naval.

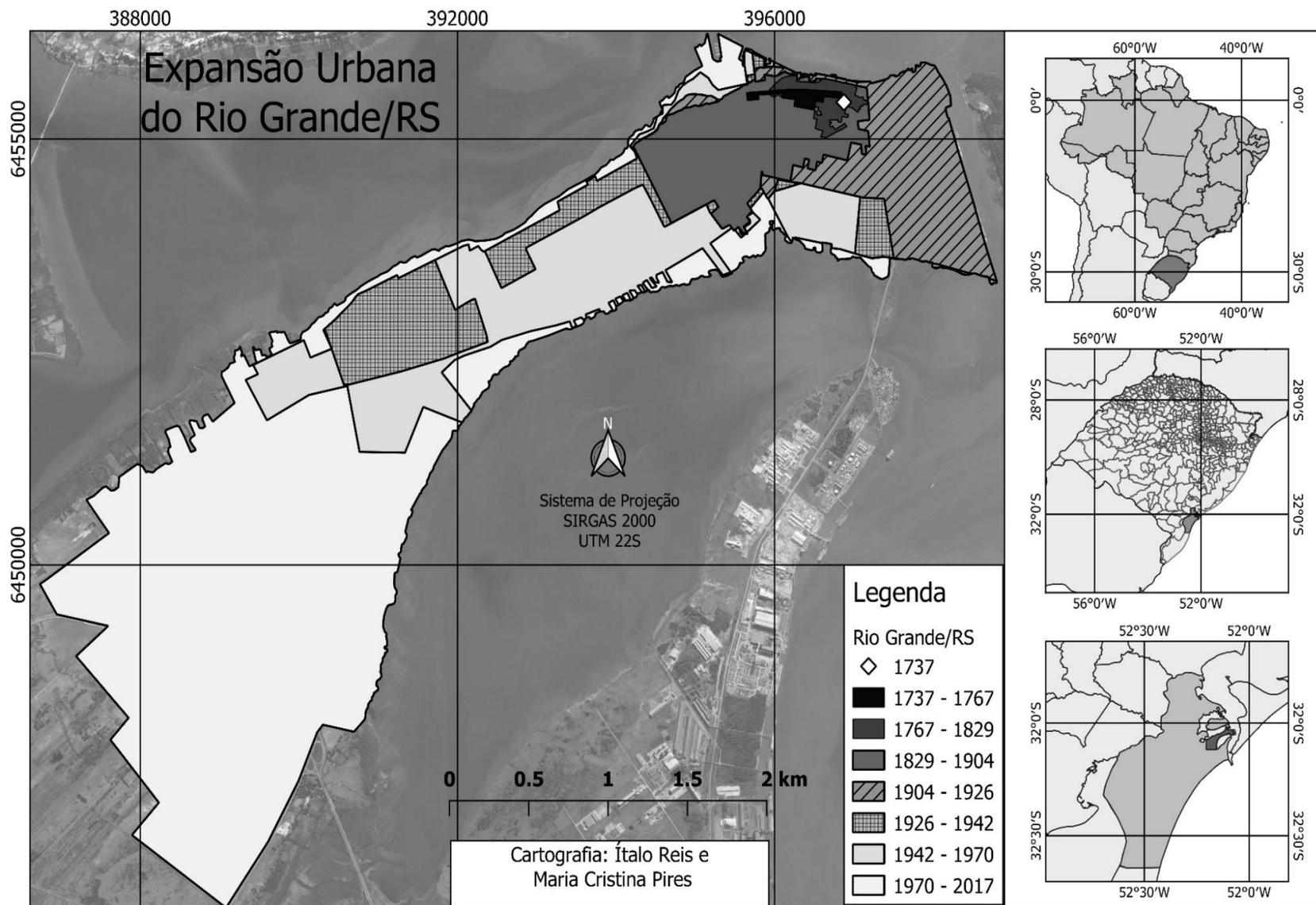
Notadamente cada período deixou a sua marca na configuração do espaço urbano do pontal, com a chegada de milhares de trabalhadores e a necessidade de adequar o gerenciamento da vida urbana. O crescimento e estagnação acompanharam esses processos pois cada um deles teve seu apogeu e queda, não gerando riqueza suficiente para que os habitantes usufríssem de uma melhor qualidade de vida.

A expansão urbana gerou desmatamento, aterramento e canalização de arroios e outros corpos hídricos e nivelamento de campos de dunas, sendo que até o presente há diversos desafios ambientais que Rio Grande precisa enfrentar na busca de um equilíbrio entre as funções urbanas e o uso sustentável dos recursos ambientais.

O estudo dos mapas históricos do Rio Grande possibilitou uma análise das transformações ao longo do tempo, permitindo a confecção de dois mapas temáticos para demonstrar a expansão do núcleo urbano da Cidade do Rio Grande entre 1737 e 2017 e a consequente supressão dos sistemas

ambientais.





A figura 1 demonstra os sistemas ambientais do pontal com suas características pré colonização europeia, com extensa área de dunas e areais; ao leste marismas, lagoas, ilhas e terras alagadiças. Em suas margens norte e sul encontrava-se vegetação rasteira e arbórea.

A figura 2 permite analisar a ocupação das áreas pela urbanização ao longo do tempo, o avanço em direção as águas da lagoa dos Patos e Saco da Mangueira, através de aterros. Salientando a grande transformação fisiográfica a leste do pontal com a construção do Porto Novo.

## 6.CONCLUSÕES

A condição fisiográfica é um dos maiores desafios para a expansão urbana Rio do Grande, a cada impulso de desenvolvimento a cidade utiliza de distintas formas os sistemas ambientais como, por exemplo, aumentando a densidade demográfica das áreas urbanas existentes, expandindo para áreas de menor resistência ou transformando banhados e marismas em áreas urbanas aterradas.

Novas porções de terrenos continuam sendo incorporados ao sítio urbano através de aterros das áreas inundáveis por particulares, nas margens da Lagoa do Patos e Saco da Mangueira. Mesmo os projetos formalizados, oriundos do Poder Público, como loteamentos do Programa Minha Casa Minha Vida entre outros, não preveem os ciclos naturais e seus impactos sobre o pontal lagunar, evidenciando que a cidade ainda carece de um planejamento urbano ambiental eficiente que diminua o risco ambiental.

## 7.REFERÊNCIAS

FERREIRA, J. F., ROBAINA, L. E. S. Expansão urbana e o perigo de desastres por inundação em Rio Grande - RS. **Geografia** (Rio Claro. Impresso). , v.37, 2012, p. 445-462.

MARTINS, S. F. **Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)**. 2ª ed. Revisada e ampliada. Rio Grande: Ed. da FURG, 2016.

OLIVEIRA, C. **Curso de Cartografia Moderna**. 2ª. ed. Rio de Janeiro, IBGE,1993.

TORRES, L. H. **História do Município do Rio Grande: fundamentos.** Rio Grande: Pluscom Editora, 2015.

---

Recebido em 20 de outubro de 2018. Aceito em 10 de dezembro de 2018.